

#APREN: “O sistema energético mundial está virado de pernas para o ar”, sublinha António Costa Silva

8 de Outubro, 2020

O último painel “Principais desafios do mercado português de eletricidade renovável” da conferência anual da APREN (*Associação Portuguesa de Energias Renováveis*) teve como orador convidado **António Costa Silva, professor catedrático do IST** (Instituto Superior Técnico). De acordo com o docente, a pandemia da Covid-19 revelou uma “quebra brutal no consumo mundial de petróleo e gás em cerca de 30 a 40%”. E em março deste ano, “os preços do petróleo transacionaram em valores negativos do mercado de futuros de Nova Iorque”, algo que demonstra que o “sistema energético mundial está virado de pernas para o ar” e o paradigma energético está sob tensão: “Penso que não estamos a falar de uma transição energética mas sim de um choque energético”, sustenta o investigador. Este “choque” é algo que pode ser “benéfico” para o futuro do planeta: “Não podemos ignorar que estamos a viver uma crise sanitária que degenerou já numa crise económica e social profunda”. Mas “isso é a ponta do iceberg. Em baixo, temos a ameaça climática”, sustenta.

No centro desta mudança está, essencialmente, a aposta na “descarbonização”, na “transição energética” e na “eletrificação de todas economias mundiais”. E sob o risco de não se fazer, “enfrentamos o caos de uma mudança climática descontrolada”, algo “nocivo para todo o planeta”. Nesta equação energética, aquele que é o vencedor são as “energias renováveis”, declara, destacando que, durante os meses da pandemia, a nível global, registou-se o “aumento do consumo” deste tipo de energia. Independentemente das dificuldades que os projetos possam enfrentar a curto e médio prazo, o responsável está convencido que “há uma equação favorável e que alinha com o desígnio da UE com aquilo que está a passar no planeta”.

Neste cenário, António Costa Silva afirma que “estamos a assistir ao fim de uma ordem energética baseada no petróleo para passarmos a uma ordem energética baseada na eletricidade: “Vamos passar para um sistema energético dominado pelos eletroestados”. E o maior eletroestado chama-se China: “É o maior investidor mundial em energias renováveis”, declara o docente. Esta mudança de ordem vai ter “influências geopolíticas brutais”, elogiando o trabalho da União Europeia que tem dado grande importância à “transição energética” e na “luta contra as ameaças renováveis”.

Relativamente às energias renováveis em Portugal, António Costa Silva sempre defendeu o “investimento forte” nessas matérias: “É o setor do futuro”. No entanto, o responsável identifica a preocupação do armazenamento: “A questão do hidrogénio, desde que seja bem desenhado, pode ter também um papel fulcral no sistema de armazenamento como backup das energias renováveis”, afirma. Algo que é crucial para o docente é definir “aquilo que queremos fazer com a energia do nosso país”, não tendo dúvidas sobre o “potencial elevado” a nível de energia renováveis. Mas para se desenvolver todos os projetos, é

fundamental a “estabilidade económica” e “gerar receitas”, baseada na “criação de riqueza” e em “desenvolver todo o cluster”. E se o país definir, no futuro, “explorar o potencial em energias renováveis” e poder exportar, Costa Silva destaca que Portugal poderá assim ter uma “abordagem mais consistente”.

Medidas de fiscalidade verde

Quando se pretende uma economia mais sustentável, é crucial “introduzir mais e mais medidas de fiscalidade verde”, diz o responsável, considerando essencial “romper paradigmas atuais”. E esse é um “trabalho que deve ser bem feito”, no sentido de dar ao setor “sustentabilidade” e “capacidade” de gerar riqueza e desenvolver o país e ser algo indispensável para fazer a mudança da economia. Uma questão que também está interligada, segundo o docente, é o preço do carbono que, atualmente, “só cobra um quinto das emissões”, algo que tarda a “eletrificação”.

Assim, é crucial combater o “*business as usual*”, rever a fiscalidade, estimular o desenvolvimento das energias renováveis e rever o preço do carbono: “Caso contrário, vamos ter situações mais dramáticas, como já é o caso da desertificação no Alentejo”. António Costa Silva reforça que esta é a “oportunidade das oportunidades”, defendendo uma avaliação de forma integrada, “Desde das energias, sustentabilidade, florestas e ocupação do território até ao combate da desertificação”, de forma a “termos soluções que financiam”, sendo essas as que “geram riqueza” e “estabilidade económica”.

Este ano, a conferência da APREN centrou-se no tema “A eletricidade renovável no centro da descarbonização” e realizou-se em formato digital, tendo sido transmitida do Pequeno Auditório da Culturgest, em Lisboa.